

RETRATOS DE UM DIA DE TRABALHO

PORTRAITS OF A DAY'S WORK

Helen da Silva Silveira¹
Doutoranda/PPGHIS-UFRJ

Resumo: Este artigo aborda trabalhadores negros no Vale do Rio Pardo, interior do estado do Rio Grande do Sul, no início do século XX, mais especificamente, nas cidades de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul entre 1905 e 1930. Pretende-se demonstrar como esses homens foram parte fundamental do processo de urbanização destas cidades e como sua presença enquanto trabalhadores foi invisibilizada em detrimento de um braço imigrante branco. Neste sentido, a fotografia se mostra como uma possibilidade de desvelar a presença dessas pessoas, mas como não a usar como mera ilustração? Bem a resposta para esta pergunta é simples e difícil ao mesmo tempo, dado que para não usar uma foto como ilustração é preciso vê-la e tratá-la como uma fonte histórica. Como forma de complementar esta fonte

Abstract: This article discusses black workers in Vale do Rio Pardo, in the interior of the state of Rio Grande do Sul, at the beginning of the 20th century, more specifically, in the cities of Venâncio Aires and Santa Cruz do Sul between 1905 and 1930. men were a fundamental part of the urbanization process of these cities and how their presence as workers was made invisible to the detriment of a white immigrant arm. In this sense, photography shows itself as a possibility to reveal the presence of these people, but how not to use it as a mere illustration? Well, the answer to this question is simple and difficult at the same time, given that in order not to use a photo as an illustration, it is necessary to see it and treat it as a historical source. As a way of complementing this source, I also present some names of workers found in criminal and

¹ Mestra em História/UFRGS, atualmente doutoranda/PPGHIS-UFRJ. Esta pesquisa é financiada pela CAPES. Membro do Grupo de Estudos sobre Pós-Abolição (GEPA) vinculado a Universidade Federal de Santa Maria. Email: helen.dasilvasilveira@gmail.com.

apresento ainda alguns nomes de hospital sources.
trabalhadores encontrados em
fontes criminais e hospitalares.

Palavras-Chaves: Pós-abolição; **Keywords:** Post-abolition;
Trabalhadores Negros; Fontes. Black Workers; Sources.

Um close nos trabalhadores!

As cidades de Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul se localizam em uma região conhecida como Vale do Rio Pardo, por causa do rio Pardo que perpassa por vários municípios e porque a maior parte destas cidades é resultante do desmembramento da cidade de Rio Pardo que abarcava boa parte do estado até meados do século XIX. Ela fica no interior do estado do Rio Grande do Sul e é muito conhecida por ser uma região que recebeu em doses cavalares imigrantes europeus, como austríacos, poloneses e alemães, na segunda metade do século XIX. Esta onda imigratória não aconteceu por acaso.

O Rio Grande do Sul foi um ativo participante do projeto imigrantista do Estado imperial e recebeu imigrantes alemães desde os anos de 1820, quando foi criada a colônia de São Leopoldo, em 1824. Segundo Carlos Piassini (2017), entre 1824 e 1889, foram criadas 80 colônias de imigrantes alemães no estado, entre oficiais e particulares. A relação do Rio Grande do Sul com a imigração tem profundas imbricações com a política nacional e interesses regionais. Por fazer fronteira com as terras tomadas por espanhóis, o estado cumpria uma função de garantir as fronteiras portuguesas no extremo sul meridional da América. Aliou-se a isso o anseio de fazer deste lugar uma terra diferente do restante do país, onde os habitantes tivessem pele alva e olhos mais claros possíveis, harmonizando com o clima frio do sul. “Conclusão: tratava-se de uma província fria, e, por isso mesmo, propícia ao acolhimento de “colonos europeus”, segundo Alcides Lima; ou ao desenvolvimento de “raça branca”, nos termos de Assis Brasil” (Rosa, 2019, p. 46). Existe ainda um propósito do projeto imigrante a ser dito e que se relaciona mais diretamente

com os sujeitos que protagonizam este estudo. Segundo Marcus Rosa:

Foi em 1862 que Aureliano Candido de Tavares Bastos estabeleceu uma oposição entre o “atraso” da Bahia, atribuído ao “maior número de negros”, indivíduos “incultos”, “incapazes” e “improdutivos”, e o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, propiciado pelos “núcleos de colonos europeus”, gente inclinada ao “progresso”, ao “trabalho” e à “civilização”. Analisados à luz do debate sobre a ocupação de diferentes regiões do Brasil por populações com “origens” e “qualidades” distintas, os termos de Tavares Bastos não trazem novidade alguma. Entretanto, ao estabelecer uma comparação entre, de um lado o “o homem livre” e “branco” (termo que o autor empregava quase como sinônimos) e, de outro, o “africano” e o “negro” (ambos associados à escravidão), Bastos concluiu que a existência de um abismo entre “esses dois extremos” era “fato que a ciência afirma de um modo positivo”. [...] Tavares Bastos acrescentou um argumento de autoridade – sem raça, mas profundamente racializado – que inovava a legitimidade explicativa de que julgava ser o “atraso” da Bahia e o “desenvolvimento” do Rio Grande do Sul. (Rosa, 2019, p. 62).

Como se pode notar, o desenvolvimento da colonização imigrante teve profundas relações com os rumos da escravidão, pois desde o início este projeto coincide com a vinda da família real, que passou a ser pressionada para colocar fim ao tráfico. E a fase mais intensa da imigração, com maiores incentivos, ocorreu justamente a partir do momento em que o tráfico foi de fato proibido e extinto, dando sinais de que a escravidão chegava perto do fim. Não se tratava de resolver somente “um problema de mão de obra”, haja vista que os libertos, livres e demais nacionais nunca foram pensados como essa solução, mas sim de promover o clareamento da população e desenvolver a raça branca, que era entendida como aquela que tinha os predicados necessários, como moral e ética do trabalho, para serem os cidadãos da jovem república brasileira.

Portanto, se algum dia alguém te perguntar por que parece que no Rio Grande do Sul, todo mundo é branco e de olhos claros esta é uma parte significativa da resposta. Principalmente, com

relação as cidades em questão neste artigo, dado que ambas tiveram colônias fundadas em seus territórios, tanto públicas, quanto particulares. Todo este projeto nacional de branqueamento teve um impacto direto na população negra, pois se em estados maiores, como São Paulo, que são conhecidos por terem absorvido a maior parte da mão de obra escravizada na Colônia e Império, a imagem de trabalhador e cidadão recaía sobre os imigrantes e brancos na República, já que “Existe certo consenso na literatura sobre o período pós-abolição no Estado de São Paulo de que os negros, sobretudo os libertos, foram afastados das atividades produtivas centrais pela competição dos imigrantes.” (Mosnma, 2010, p. 01). Imagina no do Rio Grande do Sul, estado que por muito tempo negou a presença e a existência de escravizados, eleve isso a segunda potência se considerar que estamos falando do interior do estado.

Santa Cruz do Sul, por exemplo, sua festa tradicional, que para a cidade todos os anos se chama Oktober Fest, ou Festa de Outubro, uma tradicional festa alemã na qual os mascotes são o casal Fritz e Frida. Com tudo isso, pode-se até comprar a ideia de que foram os brancos, principalmente os imigrantes que construíram Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul, mas e esta foto?

Imagem 1- Trabalhadores do setor de limpeza pública



Veículo que transportava cubos de materiais fecais.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Rio Pardo.

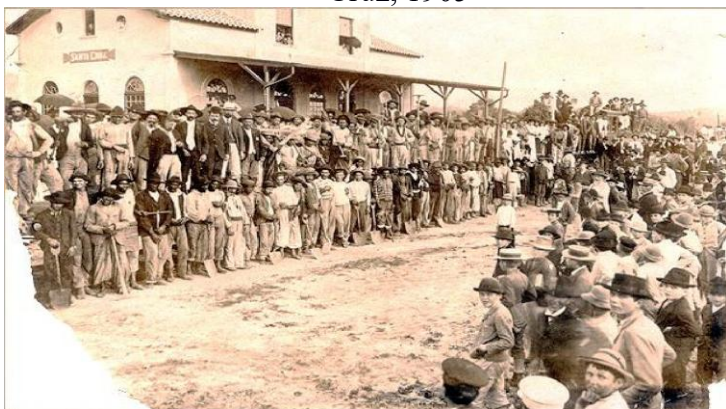
Fonte: Retirada de Vogt (2004, p. 292).

A ideia de tratar fotos como fontes consiste em poder problematizá-las, fazer análises e extrair informações, pois “Aí reside a competência daquele que analisa imagens do passado: no problema proposto e na construção do objeto de estudo. A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas.” (Mauad, 1996, p. 10). Uma fotografia é um tipo de registro do passado, um registro imagético que permite termos um vislumbre, ainda que momentâneo, de outra época. Ainda segundo Mauad:

Do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo, colocando, por conseguinte, um novo problema ao historiador que, além de lidar com as competências acima referidas, deve lidar com a sua própria competência, na situação de um leitor de imagens do passado. Retomamos, neste ponto, a pergunta anterior: como olhar através das imagens? Por tudo que já foi dito, considerando-se a fotografia como uma fonte histórica que demanda um novo tipo de crítica. (Ibid, 1996, p. 10).

Neste caso, a crítica me parece girar em torno das camadas que podem ser extraídas da imagem 1, dado que se perguntamos o que vemos nela, as respostas podem ser múltiplas, como, por exemplo, aquilo que está na legenda “Veículo que transportava cubos de materiais fecais”. É uma interpretação possível, porém muito rasa. A foto foi tirada em 1910, e representa o recém-criado setor de limpeza urbana do município de Venâncio Aires e analisando uma outra camada podemos ver que os responsáveis por conduzir os tais veículos são homens negros, assim os trabalhadores responsáveis pela limpeza da cidade eram homens negros, esta também é uma resposta e uma interpretação para o que vemos na imagem, no entanto um pouco mais elaborada. Já na cidade do Fritz e Frida, temos este registro:

Imagem 02: Inauguração do ramal ferroviário Couto/Santa Cruz, 1905



Fonte: Retirado de Noronha (2012, p. 59)

Esta foto é da inauguração do ramal ferroviário da cidade em 1905. Ele ligava Santa Cruz do Sul do Sul a estação do Couto de Rio Pardo. Segundo Mauad:

A fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção sónica. Neste sentido, toda a produção da mensagem fotográfica está associada aos meios técnicos de produção cultural. Dentro desta perspectiva, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios, e por outro, atuar como eficiente meio de controle social, através da educação do olhar. (Mauad, 1996, p.11)

Neste sentido, a foto expressa também a organização social, em alguma medida, do momento que está retratando. Aqui temos de um lado, a população no geral, com seus paletós e chapéus sociais, daqueles se que usam em ocasiões importantes, e do outro temos os trabalhadores responsáveis por construir aquele ramal, estes por sua vez usam roupas e chapéus simples de trabalho e carregam ainda os instrumentos que usaram na

empreitada, como as pás. No meio destes trabalhadores, na linha superior direita, há homens bem-vestidos e arrumados que devem ser as autoridades, haja vista que, segundo Andrius Noronha (2012), foi Borges de Medeiros, o então governador do estado, quem inaugurou a estação. Se olharmos bem para estes trabalhadores percebemos que entre eles existe uma quantidade significativa de homens negros, ou seja, eles também foram responsáveis pela construção e estavam lá, ao lado, possivelmente do governador para posarem para a foto que marcaria aquele 15 de novembro de 1905. Parece que Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul já estão um pouco diferentes daquelas do início deste artigo, parece que temos aqui sujeitos que não haviam sido anunciados antes. Estes sujeitos, os homens negros trabalhadores de setores públicos urbanos desestabilizam com muita potência a narrativa que parecia muito bem amarrada e a fotografia é um documento que permite torná-los visíveis. E torna possível também um interessante diálogo entre pós-abolição e mundos do trabalho. Já a algum tempo pesquisadores destes campos vem fazendo alertas sobre as lacunas existentes:

A despeito disso, um desafio ainda persiste. Qual? Um inexistente diálogo entre os estudos de escravidão e pós-emancipação – as experiências urbanas e rurais de milhares de africanos e crioulos – e as investigações que analisaram a imigração europeia, ou as experiências do trabalho livre: os mundos dos trabalhadores no fim do século XIX e no início do XX. Questionado e apontado desde a década de 1990, esse quase-hiato de reflexão historiográfica e o escasso investimento em pesquisa empírica vêm sendo superados por avanços que seguem seu curso. (Gomes; Negro, 2006, p. 01)

Para além da narrativa imigrante existe também uma deficiência em termos de pesquisa histórica que contribui significativamente para que trabalhadores negros sejam invisibilizados enquanto tal e que “Veículo que transportava cubos de materiais fecais” seja aceita, sem maiores problemas, como descrição de uma foto histórica local. Mais recentemente Álvaro Nascimento (2016), fez questionamentos muito parecidos com estes apresentados por Flavio Gomes e Luigi Negro (2006).

Para Álvaro Nascimento (2016) a questão é que ao não olhar para o componente cor dos trabalhadores e do movimento operário a historiografia alimenta o “paradigma da ausência” dos sujeitos negros, dado que foram os historiadores que optaram por não entrar nas fábricas e expulsaram negros e negras de seus postos de trabalho.

Em um nível mais profundo desta crítica feita por tais autores está o fato de que a historiografia do trabalho retira desta população o seu lugar de agente histórico e sua agência, o que tem profundas imbricações no seu lugar de cidadãos e endossa o discurso embranquecedor da imigração. Conforme Nascimento:

Essa ausência leva-nos à reafirmação da história única, marcada pela superioridade cultural e racial dos imigrantes que se avolumaram no Sudeste e Sul do país no fim da escravidão. Retira-nos o conhecimento de uma sociedade cuja diversidade racial era imensa, reduzindo-a à branquidade e à mestiçagem (Sovik, 2004: 376), estando a primeira nos melhores ofícios e posições e a segunda nos limites da pobreza e da sujeição. Impede-nos, ainda, a compreensão dos males provocados pelo racismo para a sobrevivência e ascensão socioeconômica da população negra e indígena do século XIX até os dias atuais. (Nascimento, 2016, p. 06)

Assim, os questionamentos feitos por estes pesquisadores são também incômodos importantes a serem refletidos. Felizmente existem trabalhos que demonstram possibilidades diferentes da narrativa hegemônica e da história única. Para São Paulo, por exemplo, temos George Andrews (1998) e Karl Monsma (2010). Ambos os autores colocam em seus esforços a necessidade de contrapor a “tese da anomia social do negro” que foi consolidada por Florestan Fernandes nos anos de 1960, que entendia que:

O modo como a escravidão mutilou suas vítimas intelectual, moral, social e economicamente. Os escravos aprenderam habilidades não compatíveis com o mercado durante a escravidão; muito ao contrário, a escravidão ensinou-lhes a evitar o trabalho, onde e sempre que possível. (Andrews, 1998, p. 119).

Andrews explica que Fernandes é adepto da ideia de que a escravidão foi um processo violento que deixou marcas que não são curadas, tornando os descendentes dos egressos do cativo incapazes de se inserir na nova sociedade. No entanto, seus estudos assim como os de Monsma (2010) demonstram que a imigração teve impacto significativo na competitividade do mercado de trabalho. Nas fazendas de café, por exemplo, “a simples presença de grande número de pobres europeus barateou a mão-de-obra e prejudicou os negros e outros trabalhadores brasileiros.” (Monsma, 2010, p. 536). Sem contar que fatores como família e nível de escolaridade também pesavam. No que tange ao famoso processo de industrialização:

Nos anos posteriores, os homens negros conseguiram romper as barreiras raciais e passaram a competir por esses empregos; mas testemunha contemporânea previamente citada sugere que, durante a década de 1920, a maior parte dos empregados negros permanecia restrita ao trabalho na construção, relativamente não especializado. (Andrews, 1998, p.158)

Desta forma, o que eles colocam é que não foi uma deficiência moral da escravidão que tornou os negros avessos ao trabalho, mas ocorreu um processo de marginalização e preterimento de sua mão-de-obra que, no entanto, não pode ser traduzida em total exclusão do mercado de trabalho.

No estado vizinho, Rio de Janeiro, Ana Maria Rios e Hebe Mattos (2007) perceberam que para os libertos e livres que decidiram ficar nas fazendas que trabalharam antes da abolição era fundamental negociar suas novas de trabalho nos seus termos, dado que “Decidir ficar, obviamente, não significava concordar em manter as condições de trabalho do regime anterior. Enterrar a palmatória e o vergalho podia fazer pouco sentido para os libertos, se o homem que os usara continuasse a dar as ordens” (Rios; Mattos, 2007, p. 60). Este foi mais um ponto de atrito e instabilidade, a perda de qualquer prerrogativa senhorial anterior e o reordenamento das relações de trabalho que se relaciona diretamente com a ideia de que os libertos eram tidos como ingratos.

Levando em consideração toda esta discussão e as fontes apresentadas é possível entender que mesmo “*nos confins meridionais*” do Rio Grande do Sul, em cidades do interior como Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul os negros foram parte da mão de obra no pós-abolição e seu não reconhecimento enquanto tal se interliga com a imigração e uma historiografia do trabalho cheia de lacunas. Mas há ainda uma camada mais profunda destas fontes que gostaria de abordar, porém antes trago aqui uma última foto:

Imagem 3: Pedreiros na Obra da Igreja de São Sebastião Mártir de Venâncio Aires na década de 1920.



Fonte: Retirada do Blog Infinita Propaganda. Disponível em:

<<http://infinitapropaganda.blogspot.com.br/2010/11/fotos-antigas-de-venancio-aires.html>>. Último acesso em 20 de julho de 2017.

Convido a quem estiver lendo este trabalho que faça o exercício de pesquisar na internet a imagem da Igreja Matriz de São Sebastião Mártir de Venâncio Aires/RS. É provável que você veja as fotos de uma bela igreja em estilo neogótico, a segunda maior da América Latina neste estilo aliás. Aproveite e olhe também as imagens da sua parte interna, vai ver suas lindas abóbodas internas característico deste estilo arquitetônico. Pois

muito bem, a foto acima é referente ao período da construção desta edificação na década de 1920, nela podemos ver que essas partes pontudas que parecem pequenas caverninhas são as tais abóbodas, podemos ver também quem a construiu, trabalhadores, provavelmente, pedreiros e serventes, alguns parecem ser crianças. Ocupando um lugar muito simbólico da fotografia, o fundo, estão os homens negros que eram parte deste corpo de operários. Esta Igreja é o principal cartão postal da cidade, por isso, existem lindas fotos em alta qualidade sua na internet, e foi construída por trabalhadores, entre eles homens negros.

Olhando para as fontes de processos crimes² encontrei Ergino Padilha, um servente de pedreiro que em 1933 estava com 37 anos de idade e que se envolveu numa briga com o comerciante Arnildo Olhweiler durante um jogo de cartas que ocorria na “venda” que ficava na propriedade de Arnildo e era o dono da mesma. Segundo o exame de corpo de delito Arnildo era branco e Ergino era misto. Este último era colega de profissão dos homens que aparecem na foto acima e pertencia a esta parte mais heterogênea da classe trabalhadora e permite nomear indivíduos e pensar um pouco mais sobre o cotidiano do trabalho desses homens.

Segundo o relatório policial e relato das testemunhas, no final da tarde do dia dois de março de 1933, Ergino, Arnildo e Pedro Alves Rodrigues estavam jogando carta na venda de Arnildo localizada nos subúrbios da Villa e que começou uma discussão que se exaltou com ofensas e xingamentos, entre Ergino e Arnildo devido a desentendimentos pelos jogos. Então Arnildo muito exaltado sacou um revólver com o qual teria atirado em Ergino caso Pedro não tivesse intervindo. A briga ainda seguiu por mais um tempo até Arnildo fosse devidamente contido e a polícia chegasse.

Muitos seriam as análises possíveis de serem feitas aqui, no entanto para não desviar do assunto principal e não exceder o número de páginas, vou me concentrar em apenas dois pontos. O primeiro é o fato de Ergino e Arnildo serem racialmente diferentes e de profissões diferentes, o primeiro era misto e

² APERS, Acervo do Judiciário, Municipio de Venancio Aires. Ano: 1933. Maço nº04, estande nº 08. Reu: Ergino Padilha e Arnildo Olhweiler

servente de pedreiro e o segundo era branco e comerciante. O segundo ponto é que ambos estavam juntos compartilhando uma das formas mais comuns de lazer que existem no interior do Rio Grande do Sul, o jogo de cartas em “vendas” que nada mais são do que pequenos comércios. O universo do trabalho envolvia muito mais do que somente trabalho, envolvia também família, moradia e lazer, por exemplo.

Era isso que estes homens estavam fazendo, compartilhando um momento de lazer que não terminou muito bem, o que demonstra que a sociabilidade pode envolver tensões, ainda mais quando se trata de homens. Segundo relatos das testemunhas não houve xingamentos de cunho racial, no entanto é possível pensar que o conflito e o lazer também são dimensões que permeiam as relações raciais. Analisando as relações entre imigrantes e negros no Oeste Paulista Karl Monsma observa que:

Os processos criminais de São Carlos incluem bastante evidência de amizade e intimidade entre indivíduos imigrantes e negros, que trabalhavam juntos, eram vizinhos nas fazendas ou na cidade e bebiam e jogavam juntos. Além disso, havia certo número de namoros e uniões estáveis entre imigrantes e negros [...] Entretanto, apesar de toda a evidência de solidariedades, amizade e amor entre imigrantes e negros, havia tensões subjacentes a essas relações que podiam vir à tona rapidamente. Muitos amigos brigaram, às vezes com violência letal, por motivos aparentemente fúteis. (Monsma, p. 239)

Embora Arnildo não seja imigrante, ele era branco e talvez teuto-brasileiro devido ao seu sobrenome, desta forma embora ele e Ergino pudessem ser amigos que estavam se divertindo junto, bastaram algumas palavras mais pesadas para que a situação quase acabasse em morte e tragédia o que evidencia essa dualidade no convívio entre os sujeitos de grupos raciais diferentes do pós-abolição.

Olhando as fontes hospitalares encontrei José Rodrigues³ que deu entrada no Hospital de São Sebastião Mártir de Venâncio Aires ano de 1936, com 42 anos de idade, foi descrito como de

³ Livro de entrada e saída do Hospital de São Sebastião Mártir 1936-1942. Registro nº 07, página nº 01, ano de 1936.

cor preta e no campo profissão consta jornaleiro, católico e filho de André Rodrigues. Embora não haja maiores informações sobre este indivíduo, ele é um homem de cor preta e um trabalhador não especializado que trabalhava por jornadas, uma categoria diferente da de Ervino, pois José não teria um ramo ou emprego mais certo. Quando foi procurar o hospital foi descrito também como Indigente, o que provavelmente significa alguém que não tinha condições de pagar pelos serviços médicos. Assim como Pedro Alves de Macedo⁴, que deu entrada no hospital no mesmo ano que José. Pedro tinha 35 anos, de cor mista e também era jornaleiro. Eles são os dois únicos homens registrados nesta condição encontrados naquele ano.

Coincidência ou não é quase impossível não reparar que mesmo que possuam designações de cor diferentes, elas se aproximam ainda mais pelo fato de ambos terem a mesma ocupação profissional. Todos eles demonstram a heterogeneidade de ocupações que estes homens negros com suas diversas designações de cor tinham na cidade.

Toda esta discussão nos convida a refletir sobre o nível mais profundo da crítica a fonte que mencionei antes, haja vista que, se olharmos para todas estas fotos em conjuntos veremos que elas retratam uma fase de embelezamento e urbanização destas cidades. Os condutores dos veículos eram funcionários do recém-criado setor de limpeza pública em 1910, que visava cumprir algumas determinações do código de posturas de 1905, que regulamentava o seguinte:

Art. 51 Todos os moradores da Vila e povoações são obrigados a conservar limpos os seus pátios, quintais, latrinas, cano de esgoto, cocheiras, estrebarias e calçadas. Pena de 20 mil reis de multa. (Vogt, 2004, p. 289).

Assim o trabalho destes homens era de recolher os cubos onde eram depositados os dejetos nos estabelecimentos e casas, transportar esses cubos até o rio, despejar, lavar e levar de volta. Um trabalho insalubre, mas ainda assim trabalho e importante.

⁴ Livro de entrada e saída do Hospital de São Sebastião Mártir 1936-1942. Registro nº 13, página nº 01, ano de 1936.

No caso dos trabalhadores santa-cruzenses do ramal ferroviário, bem o que seria do progresso sem a locomotiva? Robério Souza (2010) coloca que na Bahia do pós-abolição o trabalho ferroviário foi fundamental para a implementação das novas disciplinas de trabalho, dado que esta categoria foi fortemente marcada pelas “tentativas específicas de reorganização e regulamentação do processo de trabalho. Nas ferrovias essas práticas foram traduzidas em relações de trabalho rigidamente hierarquizadas e imposições disciplinares.” (Souza, 2010, p.02).

A ideia do progresso não passa somente pelo aperfeiçoamento das máquinas e do transporte, passa também pelo reordenamento das relações de trabalho e uma “reeducação” do trabalhador que deveria ser disciplinado e resiliente para aguentar as duras e longas jornadas de trabalho ferroviário. Ainda segundo o autor na estrada de ferro havia uma repartição dos trabalhadores que poderiam ocupar diversas funções de acordo com seu nível de especialização:

Esses trabalhadores estavam distribuídos entre “titulados” ou “mensaleiros” – aqueles que ocupavam empregos fixos – e os “jornaleiros” – recrutados para trabalhar como diaristas. Em se tratando da divisão do trabalho, sabe-se que havia o pessoal que, ganhando maiores vencimentos, era responsável pelas atividades desenvolvidas em seus respectivos setores. Tudo indica que os salários dos operários variavam de acordo com as profissões ocupadas, de modo que quanto mais especializado fosse o serviço maior seria a remuneração alcançada. (Souza, 2010, p. 12)

Conforme os dados trazidos pelo autor os trabalhadores menos qualificados tinham cor e identidades bem demarcados e para perceber essa cor e identidade o autor também se utiliza de fotos onde se pode ver homens negros trabalhando na estrada de ferro em 1900. Infelizmente não disponho de mais dados para saber como se distribuíam as funções na construção do ramal ferroviário de Santa Cruz do Sul, mas olhando para as fontes hospitalares vemos que havia dois homens um de cor mista e outro de cor preta que eram trabalhadores não qualificados e que eram jornaleiros o que torna possível aproximar Santa Cruz do Sul da vivência da Bahia a partir de Souza (2010) e fazer deste

um apoio para hipóteses futuras. Mas uma coisa é certa no caso desta cidade, aquela estação foi fundamental para o escoamento da produção local de fumo e para a instalação posterior de linhas telefônicas que possibilitavam comunicações mais rápidas desta com outras cidades (Noronha, 2012). Portanto, mesmo que os trabalhadores negros pudessem ocupar funções mais baixas não há como negar que eles estavam ali, inclusive para receber os devidos créditos na foto da inauguração.

Com relação a edificação da Igreja de Venâncio Aires bem, como eu disse antes ela é o seu principal cartão postal e se localiza numa praça no centro da cidade. A história deste santuário se interliga com a devoção local ao santo padroeiro que dá nome a igreja, São Sebastião Mártir, e com o mito fundador do município que teria tido seu território organizado em função da existência de uma doação de terras para a construção de uma capela em 1864 e que décadas depois daria lugar a esta edificação atual.

Condutores, pedreiros, funcionários da estrada de ferro, jornaleiros são as funções identificadas nas fontes e todas estas funções são braçais, as vezes insalubres e marginalizadas, mas são trabalhos, são fundamentais, são aquele serviço que alguém tem que fazer senão não tem urbanização, não se cumpre os códigos municipais, não tem embelezamento e progresso.

Referências Bibliográficas

ANDREWS, George Reid. Trabalhando, 1920-1960. In: _____. **Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: Edusc, 1998.

GOMES, Flávio e NEGRO, Antonio Luigi. Além de senzalas e fábricas: uma história social do trabalho. **Tempo Social**, v. 18, n. 1, 2006.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, RJ, vol. 1, nº2, 1996, p.73-98.

MONSMA, Karl. A reprodução do racismo: fazendeiros, negros e imigrantes no oeste paulista, 1880-1914. In: _____. **Conflitos**

simbólicos, consequências mortais: as relações entre imigrantes e negros. São Carlos, EDUFSCar, 2016, pp 301.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o ‘paradigma da ausência’: contribuições à história social do trabalho no Brasil. **Estudos Históricos**, vol. 29, n.59, 2016.

NORONHA, Andrius Estevam. **Beneméritos Empresários: história social de uma elite de origem imigrante do sul do Brasil (Santa Cruz do Sul, 1905-1966).** Tese (Doutorado em História). Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2012.

PIASSINI, Carlos Eduardo. **Imigração Alemã e Política: Os deputados provinciais Koseritz, Kahlden, Hansel, Brüngen e Bartolomay.** Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2017.

ROSA, Marcus Vinicius Freitas da. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o Pós-Abolição (1884-1918).** Porto Alegre, RS: EST Editora, 2019.

SOUZA, Robério. Organização e disciplina do trabalho ferroviário baiano no pós- Abolição. **Revista Mundos do Trabalho**, v. 2, n. 3, 2010.

VOGT, Olgário Paulo; ROSA, Angelita da. Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana. In: VOGT, Olgário Paulo (Org.). **Abrindo o baú de memórias: o Museu de Venâncio Aires conta história do município.** Santa Cruz: EDUNISC, 2004.

Recebido em: 15/07/2025

Aprovado em: 13/08/2025